

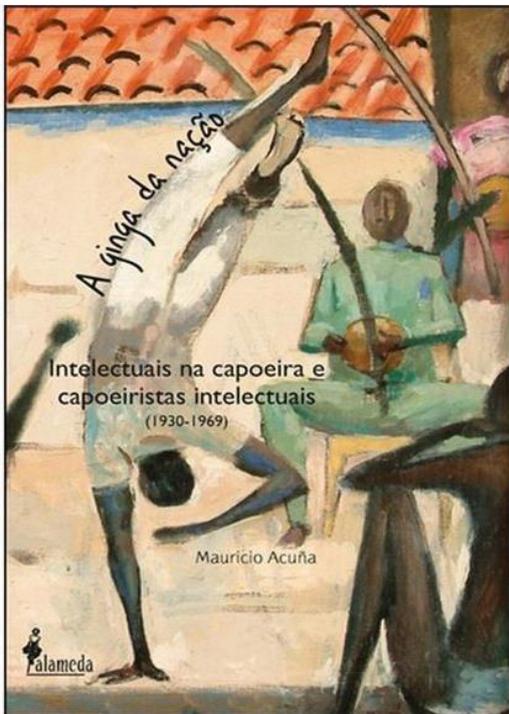


Ano XII – Outubro – 2015

Ginga da Nação: Intelectuais na Capoeira e Capoeiristas Intelectuais (1930-1969)

Falina Enriquez

Universidade de Wisconsin, Madison, Estados Unidos da América.



Neste livro completo e atencioso, Mauricio Acuña aborda como a capoeira baiana, que é simultaneamente uma arte marcial, dança e manifestação folclórica, se tornou o exemplo da forma e o metonímia da identidade nacional brasileira. A estrutura de Acuña parte do historiador cultural Carl Schorske (1990) e do sociólogo Norbert Elias (1995), a fim de situar contextualmente a capoeira como parte de um movimento artístico e cultural geracional que emergiu e evoluiu das décadas de 1930 a 1960. Em particular, a Acuña demonstra como a Revolução de 1930 impactou uma geração de baianos, especialmente as elites que procuravam defender seu poder e identidade locais contra a ditadura central e freqüentemente repressiva do Estado Novo de Getúlio Vargas. Em Salvador, uma coorte de intelectuais, em particular o antropólogo Edison Carneiro, *descobridor o povo*]. "Essa descoberta se concentrou em grande parte na capoeira que, por sua vez, tornou-se um ponto focal para uma ampla comunidade de prática que incluía praticantes de capoeira (*capoeiristas*), intelectuais nacionais e internacionais, como Arthur Ramos e o antropólogo americano Ruth Landes e artistas como o pintor argentino Carybé. Ao ilustrar as redes sociais e institucionais nas quais circulavam a capoeira e os capoeiristas, Acuña paralela a discussão de Hermano Vianna (1995) sobre o samba como um emblema nacional co-construído por músicos, intelectuais e instituições, mas a grande força de *A Ginga da Nação* reside em como ela descobre as estratégias múltiplas,

deliberadas e muitas vezes contraditórias que anteriormente marginalizavam os praticantes de capoeira empregados para legitimar e profissionalizar suas atividades. Especificamente, o Capítulo Dois é especialmente convincente, pois compara como *mestres* específicos procuravam distanciar a capoeira de sua reputação como uma prática violenta e subversiva, passando a uma forma mais musical, formalizada e folclórica que poderia beneficiá-los financeira e socialmente. Este capítulo se concentra em indivíduos como Mestre Pastinha e Mestre Bimba cuja abordagem estilística e filosófica da capoeira divergiu significativamente. Por exemplo, enquanto Mestre Pastinha se apresentava como guardião e criador da ostensivamente mais tradicional "Capoeira Angola" Estilo, Mestre Bimba incorporados greves [*golpes*] de outras artes marciais em seu 'Capoeira Regional'. No entanto, ambos os *mestres* estavam preocupados com a valorização da capoeira e apagando sua criminalização antes e perseguição. Ao detalhar vários *mestres*' Relacionamento com intelectuais, escritores, imprensa e instituições públicas, Acuña também demonstra como a nacionalização da capoeira baiana não era um projeto exclusivamente de elite, mas o produto de múltiplos atores interessados. Essas ideias se encaixam perfeitamente na adaptação de Acuña da formulação dupla de cultura de Manuela Carneiro da Cunha (2009) como conceito teórico versus "cultura" como recurso pragmático. Ambas as versões da cultura convergem no contexto da capoeira desde que acadêmicos e capoeiristas transformaram a capoeira em uma forma folclórica que passou a representar o terço africano na narrativa nacional triracial e nacional. No entanto, Acuña também mostra como o status híbrido da capoeira como esporte / arte, baiano / brasileiro, *mestiçagem* como um valor nacional. De fato, os contrastes entre como vários praticantes e entusiastas caracterizaram e utilizaram a capoeira também demonstram como atores específicos, especialmente os capoeiristas, enfatizaram alternadamente aspectos específicos da capoeira para vários propósitos. Embora o exame de Acuña das práticas dos capoeiristas e dos intelectuais em torno da capoeira seja bem desenvolvido, talvez suas contribuições possam ser melhoradas pela teorização mais direta de como raça e classe (como um conjunto) impactaram como esses atores transformaram a capoeira em uma prática institucionalmente legitimada. Por exemplo, os *mestres* acima mencionados estavam claramente tentando combater a sua marca racial e de classe, transformando a capoeira, o que sugere que eles estavam bem cientes dos limites da *mestiçagem* valorização da empresa, mesmo quando elas estavam contribuindo para a sua criação. Essas e outras idéias semelhantes poderiam ter sido colocadas em primeiro plano muito mais para mostrar como a análise da história da capoeira pode nos ajudar a entender melhor a raça e a classe no Brasil. Em parte, a organização dos capítulos obscurece as maneiras importantes pelas quais as ideologias raciais e de classe impactaram a nacionalização da capoeira

baiana. Especificamente, mais informações do capítulo um sobre os discursos acadêmicos sobre raça e identidade nacional no Brasil poderiam ser melhor integradas às perspectivas mais "no terreno" que Acuña apresenta no segundo capítulo e no capítulo três mencionados, que se concentra mais no artistas e intelectuais que estudaram e retrataram a capoeira baiana. Enquanto isso, o capítulo quatro, que detalha como os capoeiristas incorporaram ainda mais a música a " e popularizar a capoeira baiana, se encaixa perfeitamente na narrativa geral, pois fornece uma visão de como a capoeira se tornou parte da cultura popular brasileira durante e um pouco além da era de Vargas. Embora o livro seja uma contribuição bem-vinda aos estudos de capoeira, também será produtivo para os brasileiros interessados em aprender mais sobre a Bahia durante os períodos Modernista e Estado Novo. Essa história intelectual e cultural também é apropriada para estudiosos de antropólogos e humanidades interessados na música brasileira e em outra cultura popular, pois fornece parte do contexto histórico para a compreensão das tendências contemporâneas. No entanto, dado que este livro é dirigido a um público brasileiro, aqueles que não estão familiarizados com a capoeira e a Era Vargas podem ter que fazer algumas leituras adicionais. e popularizar a capoeira baiana, se encaixa perfeitamente na narrativa geral, pois fornece uma visão de como a capoeira se tornou parte da cultura popular brasileira durante e um pouco além da era de Vargas. Embora o livro seja uma contribuição bem-vinda aos estudos de capoeira, também será produtivo para os brasileiros interessados em aprender mais sobre a Bahia durante os períodos Modernista e Estado Novo. Essa história intelectual e cultural também é apropriada para estudiosos de antropólogos e humanidades interessados na música brasileira e em outra cultura popular, pois fornece parte do contexto histórico para a compreensão das tendências contemporâneas. No entanto, dado que este livro é dirigido a um público brasileiro, aqueles que não estão familiarizados com a capoeira e a Era Vargas podem ter que fazer algumas leituras adicionais. se encaixa perfeitamente na narrativa geral, porque fornece um vislumbre de como a capoeira se tornou parte da cultura popular brasileira durante e um pouco além da era de Vargas. Embora o livro seja uma contribuição bem-vinda aos estudos de capoeira, também será produtivo para os brasileiros interessados em aprender mais sobre a Bahia durante os períodos Modernista e Estado Novo. Essa história intelectual e cultural também é apropriada para estudiosos de antropólogos e humanidades interessados na música brasileira e em outra cultura popular, pois fornece parte do contexto histórico para a compreensão das tendências contemporâneas. No entanto, dado que este livro é dirigido a um público brasileiro, aqueles que não estão familiarizados com a capoeira e a Era Vargas podem ter que fazer algumas leituras adicionais. se encaixa perfeitamente na narrativa geral, porque fornece um vislumbre de como a capoeira se tornou parte da cultura

popular brasileira durante e um pouco além da era de Vargas. Embora o livro seja uma contribuição bem-vinda aos estudos de capoeira, também será produtivo para os brasileiros interessados em aprender mais sobre a Bahia durante os períodos Modernista e Estado Novo. Essa história intelectual e cultural também é apropriada para estudiosos de antropólogos e humanidades interessados na música brasileira e em outra cultura popular, pois fornece parte do contexto histórico para a compreensão das tendências contemporâneas. No entanto, dado que este livro é dirigido a um público brasileiro, aqueles que não estão familiarizados com a capoeira e a Era Vargas podem ter que fazer algumas leituras adicionais. também será produtivo para os brasileiros interessados em aprender mais sobre a Bahia durante os períodos Modernista e Estado Novo. Essa história intelectual e cultural também é apropriada para estudiosos de antropólogos e humanidades interessados na música brasileira e em outra cultura popular, pois fornece parte do contexto histórico para a compreensão das tendências contemporâneas. No entanto, dado que este livro é dirigido a um público brasileiro, aqueles que não estão familiarizados com a capoeira e a Era Vargas podem ter que fazer algumas leituras adicionais. também será produtivo para os brasileiros interessados em aprender mais sobre a Bahia durante os períodos Modernista e Estado Novo. Essa história intelectual e cultural também é apropriada para estudiosos de antropólogos e humanidades interessados na música brasileira e em outra cultura popular, pois fornece parte do contexto histórico para a compreensão das tendências contemporâneas. No entanto, dado que este livro é dirigido a um público brasileiro, aqueles que não estão familiarizados com a capoeira e a Era Vargas podem ter que fazer algumas leituras adicionais. Essa história intelectual e cultural também é apropriada para estudiosos de antropólogos e humanidades interessados na música brasileira e em outra cultura popular, pois fornece parte do contexto histórico para a compreensão das tendências contemporâneas. No entanto, dado que este livro é dirigido a um público brasileiro, aqueles que não estão familiarizados com a capoeira e a Era Vargas podem ter que fazer algumas leituras adicionais. Essa história intelectual e cultural também é apropriada para estudiosos de antropólogos e humanidades interessados na música brasileira e em outra cultura popular, pois fornece parte do contexto histórico para a compreensão das tendências contemporâneas. No entanto, dado que este livro é dirigido a um público brasileiro, aqueles que não estão familiarizados com a capoeira e a Era Vargas podem ter que fazer algumas leituras adicionais.